

Conhecimento de alunas de uma universidade federal sobre doenças sexualmente transmissíveis

Female federal university's students' knowledge of sexually transmitted diseases

Conocimiento de alumnas de una universidad federal sobre enfermedades de transmisión sexual

Thaís Cristina Elias^I; Taciana Nunes dos Santos^{II}; Maurícia Brochado Oliveira Soares^{III};
Nathália Silva Gomes^{IV}; Bibiane Dias Miranda^V; Sueli Riul da Silva^{VI}

RESUMO

Objetivo: descrever o conhecimento de alunas universitárias sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST); verificar se o acometimento por IST interferiu no aporte de conhecimento acerca dessas doenças. **Método:** pesquisa quantitativa, seccional, desenvolvida na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com 298 alunas do primeiro período dos cursos da universidade nos meses de agosto a dezembro de 2012. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade sob o protocolo 2.087. Utilizou-se questionário com questões relativas ao conhecimento e atitudes acerca das IST. **Resultados:** as IST mais citadas pelo grupo são AIDS, sífilis e gonorreia, evidenciando um déficit de conhecimento e, conseqüentemente, atitudes e práticas de risco. As alunas acometidas por alguma dessas infecções demonstraram maior conhecimento sobre as IST. **Conclusão:** as universitárias possuem algumas informações sobre as IST, porém incipientes. Há necessidade de implementar atividades de educação em saúde voltadas a esta população que apresenta grande vulnerabilidade.

Palavras-chave: Doenças sexualmente transmissíveis; saúde da mulher; educação em saúde; comportamento sexual.

ABSTRACT

Objective: to describe female university students' knowledge of sexually transmitted infections (STIs) and to ascertain whether contracting an STI interfered in the knowledge they showed of these diseases. **Method:** in this quantitative, cross-sectional study, conducted at the Federal University of the Triângulo Mineiro, a questionnaire relating to knowledge and attitudes about STIs was applied, from August to December 2012, to 298 first-semester female university students. The study was approved by the university's research ethics committee under protocol 2,087. **Results:** the STIs most cited by the group were AIDS, syphilis and gonorrhoea, revealing a knowledge deficit and, consequently, risk attitudes and behaviors. Students who had contracted such infections showed greater knowledge about STIs. **Conclusion:** the female university students had some information about STIs, however incipient. There is a need to implement health education activities directed to this population, which displays great vulnerability.

Keywords: Sexually transmitted diseases; women's health; health education; sexual behavior.

RESUMEN

Objetivo: describir el conocimiento de alumnas universitarias sobre Infecciones Sexualmente Transmisibles (IST); verificar si la infección por IST interfirió en el aporte de conocimiento acerca de esas enfermedades. **Método:** investigación cuantitativa, seccional, desarrollada en la Universidad Federal del Triángulo Mineiro, con 298 alumnas del primero período de los cursos de la universidad en los meses de agosto a diciembre de 2012. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la universidad bajo el protocolo 2.087. Se utilizó un cuestionario con preguntas relativas al conocimiento y a las actitudes acerca de las IST. **Resultados:** las IST más citadas por el grupo son SIDA, sífilis y gonorreia, evidenciando un déficit de conocimiento y, conseqüentemente, actitudes y prácticas de riesgo. Las alumnas afectadas por alguna de esas infecciones demostraron mayor conocimiento sobre las IST. **Conclusión:** las universitarias poseen algunas informaciones sobre las IST, pero incipientes. Hace falta poner en marcha actividades de educación en salud volcadas hacia esta población que presenta una gran vulnerabilidad.

Palabras clave: Enfermedades de transmisión sexual; salud de la mujer; educación en salud; conducta sexual.

INTRODUÇÃO

A busca por liberdade sexual unida ao avanço da ciência para a criação de novos medicamentos influenciou de forma negativa as práticas sexuais, contribuindo para uma maior pré-disposição das Infecções Sexualmente

Transmissíveis (IST) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). A preocupação sobre a existência dessas doenças não é tão significativa para novas gerações como para as anteriores, em consequência aos fatos

^IEnfermeira. Mestre em Atenção à Saúde. Programa de Pós-Graduação de Atenção à Saúde da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: thaiscielias2@hotmail.com.

^{II}Acadêmica de Enfermagem na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: taciana.nunes@hotmail.com.

^{III}Enfermeira Obstétrica. Doutora em Atenção à Saúde. Programa de Pós-Graduação de Atenção à Saúde da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mauricia_olive@yahoo.com.br

^{IV}Enfermeira. Mestre em Atenção à Saúde. Doutoranda em Atenção à Saúde no Programa de Pós-Graduação de Atenção à Saúde da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: nathaliasilvagomes@hotmail.com.

^VEnfermeira Obstétrica. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: bibianedias@yahoo.com.br.

^{VI}Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: sueliriul@terra.com.br.

destacados, os jovens passam a adotar práticas contrárias às medidas adequadas de prevenção frente às IST/AIDS. Assim, a falsa impressão de segurança vivenciada leva cada vez mais a hábitos sexuais de risco¹.

A prática sexual desprotegida e o acometimento pelas IST/AIDS podem causar grande repercussão na saúde da mulher, como a infertilidade e o desenvolvimento do câncer do colo do útero (CCU), estando este diretamente ligado à infecção pelo papiloma vírus humano (HPV). Nesse contexto, foram estimados para o biênio 2016-2017, no Brasil, aproximadamente 15,85 casos novos do CCU para cada 100 mil mulheres, ficando evidente a alta incidência da doença e seu impacto para o sistema público de saúde².

Aliado a isso, o déficit de conhecimento sobre IST/AIDS pelos adolescentes e pelos jovens é apontado em pesquisas científicas³⁻⁵ e, aqueles que possuem sapiência não a utilizam em sua prática cotidiana⁶. Isto se deve à ideia de invulnerabilidade, ao estabelecimento de um relacionamento estável e ao uso de métodos contraceptivos, dentre outros fatores. Apesar da educação, da informação e do saber não pressuporem alteração de atitudes sobre IST/AIDS são facilitadores das mudanças no comportamento sexual reduzindo a susceptibilidade a estas infecções⁷.

A vulnerabilidade destes jovens está relacionada às questões socioeconômicas, tais como baixa escolaridade, baixo poder aquisitivo e promiscuidade, associada a não utilização de preservativos e o início precoce da atividade sexual⁸.

Assim, o profissional de enfermagem tem papel importante no desenvolvimento de ações preventivas que visam melhorar o conhecimento acerca de aspectos que envolvam questões de saúde e que contribuam para aquisição de hábitos mais saudáveis, estimulando o indivíduo ao seu próprio cuidado frente a IST/AIDS⁹.

Neste contexto, os objetivos do estudo são: descrever o conhecimento de alunas universitárias sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis; verificar se o acometimento por IST interferiu no aporte de conhecimento acerca dessas doenças.

REVISÃO DE LITERATURA

O Ministério da Saúde (MS) busca garantir saúde sexual a adultos, jovens e adolescentes por meio de diretrizes e de estratégias que envolvam o apoio à descentralização do serviço de saúde, o investimento em pesquisas relacionadas ao tema, a disponibilidade de medicamentos e de profissionais no Serviço Único de Saúde (SUS), além da criação de programas de combate às IST/AIDS. Dentre estes programas, destaca-se o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis, um documento que orienta o papel dos gestores no manejo programático e operacional desses

agravos, bem como as ações dos profissionais de saúde na triagem, no diagnóstico, no tratamento e nas ações de prevenção às populações-chave e/ou pessoas com IST e suas parceiras sexuais¹⁰.

O acometimento das IST/AIDS por jovens é visto no Brasil como um problema de saúde pública, devido à alta incidência dessas doenças nesta população. Nesse contexto, entre as mulheres, a taxa de detecção de casos de AIDS notificados no ano de 2015, entre pessoas de 20 a 24 anos, foi de 11,1 a cada 100 mil habitantes e entre as de 15 a 19 anos foi de 4,1 a cada 100 mil habitantes¹¹.

Estudo desenvolvido na cidade de João Pessoa/Paraíba com adolescentes e jovens, apontou que a masculinidade e as questões de gênero influenciam negativamente o comportamento sexual feminino, aumentando a vulnerabilidade destas às IST/AIDS¹².

Nessa perspectiva, a adoção de métodos preventivos na prática sexual está diretamente relacionada a atitudes de igualdade de gênero o que pode proporcionar a diminuição da vulnerabilidade feminina e consequentemente o impacto no controle das IST/AIDS¹³. Desta forma, é válido garantir educação em saúde e assistência integral à saúde da mulher enquanto adolescente e jovem.

Considerando que o profissional de enfermagem atua em atividades ligadas diretamente ao ser humano, buscando contribuir com o desenvolvimento de hábitos que promovam a saúde do indivíduo¹⁴, é necessário conhecer as práticas e as atitudes de jovens para que o enfermeiro possa atuar de forma efetiva e consistente, a fim de contribuir para a promoção de hábitos saudáveis de vida e prevenção de doenças entre a população referida.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa com abordagem seccional, realizada na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), envolvendo 23 cursos de graduação nas áreas da saúde, humanas e exatas, oferecidos pela instituição, sendo estes: Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Física, Fisioterapia, Geografia, História, Letras, Matemática, Medicina, Nutrição, Psicologia, Química, Serviço Social e Terapia Ocupacional.

A população do estudo foi composta por 298 mulheres, alunas dos cursos de graduação da UFTM, não tendo sido utilizado cálculo para definição de amostra devido ao limitado número de jovens. Foram incluídas no estudo todas as alunas com mais de 18 anos de idade, regularmente matriculadas no primeiro período dos cursos semestrais ou primeiro ano dos cursos anuais.

A coleta de dados ocorreu de agosto a dezembro de 2012, sendo realizada por meio da aplicação de um

questionário estruturado construído pelas autoras a partir de revisão detalhada da literatura científica e de consulta às diretrizes do MS.

As alunas foram abordadas e esclarecidas quanto à importância e ao objetivo da pesquisa e aos procedimentos a que seriam submetidas. Após a aceitação das mesmas e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi realizada a distribuição do instrumento autoaplicável de coleta de dados, em sala de aula durante os intervalos ou ao final das atividades didáticas e mediante o consentimento e autorização do docente responsável.

O instrumento usado abordou questionamentos referentes à caracterização sociodemográfica, como idade, ocupação, renda e, situação conjugal, além de perguntas sobre o conhecimento, as atitudes e as práticas adotadas quanto a IST/AIDS.

A análise dos dados foi realizada mediante análise estatística utilizando o programa *software Statistical Package for Social Scienc (SPSS)*, versão 17.0. A análise das variáveis quantitativas e categóricas se deu pela estatística descritiva e sua interpretação foi realizada através de um contexto quantitativo e expressa de forma numérica.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFTM, sob protocolo 2.087.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo foi composto por 298 universitárias, com idade média de 20,3 anos, sendo que 267 (89,6%) tinham os estudos como a principal ocupação diária; 220 (73,8%) não possuíam renda própria, sendo dependentes dos familiares e 199 (66,8%) estudavam no período diurno. A maioria, 260 (87,2%) era solteira, 200 (67,1%) já haviam tido relação sexual, 185 (62,1%) eram sexualmente ativas, sendo que destas, 82 (44,3%) relataram não ter parceiro fixo. A idade de início da vida sexual variou entre 14 e 30 anos, com média de 17,3 anos.

Estes dados corroboram com pesquisa realizada entre jovens de uma universidade pública do estado do Piauí, onde a maioria referiu não possuir parceiro fixo e ter iniciado sua vida sexual por volta dos 16 anos de idade¹⁵. Assim, as idades entre 16 e 17 anos são as mais citadas por adolescentes quando questionados sobre o início da prática sexual^{15,16}.

No Brasil, sabe-se que a idade de início da atividade sexual tem diminuído no decorrer dos anos e que quanto mais baixa a idade e a escolaridade, menor a chance de utilizar preservativo¹⁷. Neste sentido, torna-se necessário a intensificação de atividades educativas direcionadas as práticas sexuais protegidas com as mulheres enquanto adolescentes e jovens com o intuito de diminuir a vulnerabilidade a que estão expostas.

Em relação à consulta com o ginecologista, 260 (87,2%) relataram ter ido a tal atendimento, sendo que a

maior parte, 159 (53,4%) disse ir anualmente e, 66 (21%) mulheres responderam que vão a este especialista somente quando da apresentação de algum sinal ou sintoma.

No que tange aos conhecimentos acerca das IST, as doenças mais assinaladas pelas alunas foram, por ordem de frequência, a AIDS, a sífilis e a gonorreia. Entre as que conhecem ou ouviram falar, as menos assinaladas foram o cancro mole (71), a tricomoníase (44), vaginose bacteriana (43) e linfogranuloma venéreo (15), conforme pode ser observado na Tabela 1. Em estudo referente ao conhecimento e o ensino sobre doenças de transmissão sexual foi constatado que os universitários apresentaram um conhecimento limitado acerca de aspectos relacionados a prevenção, o tratamento e a identificação de lesões causadas em decorrência da IST¹⁸. Pesquisa realizada com adolescentes em um município no Estado de São Paulo de forma similar a este estudo, apontou a AIDS e o herpes como IST mais conhecidas⁶. Outra pesquisa também apontou como IST mais conhecida pelos adolescentes a AIDS, HIV, sífilis, gonorreia, HPV e herpes genital e, assim como neste estudo, poucos adolescentes apontaram o cancro mole¹⁹.

Pesquisa realizada com jovens em Florianópolis/Santa Catarina apontou que apesar dos jovens verbalizarem algum conhecimento sobre IST, ainda existem muitas dúvidas, curiosidades e falhas em suas concepções, sendo o maior conhecimento relacionado à AIDS, provavelmente pela sua maior divulgação na mídia e gravidade⁴.

Corroborando com estes dados, outros estudos apontam o desconhecimento em relação aos sinais e aos sintomas das IST/AIDS^{5,18}. Isto evidencia a necessidade de atividades educativas para essa população, apesar dos vários meios de informação existentes e sua facilidade de acesso, como internet, televisão e rádio, entre outros.

Quanto aos sintomas relacionados às IST, o mais conhecido é a verruga na genitália, assinalado por 214 alunas. Após este, os mais registrados foram o corrimento vaginal (195), a dispaurenia (171) e o corrimento e a vermelhidão na vulva (158). O sintoma menos conhecido é a dor intensa e persistente no abdome, pois foi assinalado apenas por 70 alunas. Cabe destacar que 34 universitárias informaram não saber responder esta questão, conforme evidenciado na Tabela 1.

O conhecimento de jovens acerca dos sintomas apresentados pelas IST propicia a procura espontânea pelos serviços de saúde. Entretanto, é necessário também ampliar a difusão sobre as IST assintomáticas que são responsáveis pela maior parte das infecções prevalentes e incidentes e, podem ter o diagnóstico retardado levando a sérias consequências negativas à saúde da mulher^{16,19}.

Em relação a episódios passados, 13 (4,4%) alunas referiram infecção por IST, 11 (3,7%) prurido vaginal, 12 (4%) corrimento, 2 (0,7%) ulcerações e/ou lesões e 1 (0,3%) verruga genital.

TABELA 1: Conhecimento das alunas acerca das infecções sexualmente transmissíveis. Uberaba, Minas Gerais, 2014.

Variáveis		f	%
Doenças que possuem transmissíveis sexual*	Sífilis	258	86,6
	Cancro mole	82	27,5
	Herpes	179	60,1
	Candidíase	141	47,3
	Gonorreia	238	79,9
	Clamídia	58	19,5
Infecções sexualmente transmissíveis que conhece ou já ouviu falar*	Aids	285	95,6
	Não sei	01	0,3
	Sífilis	257	86,2
	Cancro mole	71	23,8
	Herpes	201	67,4
	Candidíase	162	54,4
Sinais e sintomas de infecções sexualmente transmissíveis*	Gonorreia	237	79,5
	Clamídia	47	15,8
	Aids	283	95
	HPV	201	67,4
	Vaginose Bacteriana	43	14,4
	Tricomoníase	44	14,8
	Linfogranuloma venéreo	15	5,0
	Nenhuma	01	0,3
	Corrimento vaginal	195	65,4
	Corrimento e vermelhidão na vulva	158	53
Infecções sexualmente transmissíveis*	Dor intensa e persistente no abdome	70	23,5
	Verrugas na genitália	214	71,8
	Dispaurenia	171	57,4
	Sangramento durante ou após relações sexuais	116	38,9
Não souberam responder	34	11,4	

* Questões permitiram mais de uma resposta.

Pesquisa realizada no Rio de Janeiro com estudantes do ensino médio na faixa etária de 14 a 20 anos apontou que 5% dos estudantes da escola pública referiram que foram ou são portadores de IST contra 7,5% de estudantes na escola privada³, valores superiores aos encontrados nesta pesquisa.

Dentre as alunas que contraíram alguma IST no passado, foi referido que todas procuraram pelo serviço de saúde em busca de tratamento adequado. Ressalta-se a necessidade do tratamento concomitante do parceiro sexual que, segundo a literatura científica, pode ser favorecido se houver relacionamento mais duradouro ou laços afetivos estabelecidos entre os parceiros²⁰.

Ao relacionar os valores correspondentes a pergunta sobre as alunas já terem se contaminado por alguma IST com aquela referente a quais doenças possuem transmissão sexual, foi observado que, dentre as 13 (4,4%) universitárias que confirmaram já terem sido acometidas por alguma IST, 13 (100%) citaram a sífilis como doença transmitida sexualmente, 5 (38,5%) indicaram o cancro mole, 11 (84,6%) a herpes, 10 (76,9%) mencionaram a candidíase, 12 (92,3%) citaram a gonorreia, 4 (30,7%) a clamídia e 13 (100%) indicaram a AIDS. Já entre as 277 (92,9%) alunas que

ao serem questionadas negaram a contaminação por alguma IST, 244 (88%) indicaram como infecção de transmissão sexual a sífilis, 77 (27,8%) o cancro mole, 167 (60,3%) a herpes, 130 (46,9%) a candidíase, 225 (81,2%) a gonorreia, 54 (19,5%) a clamídia e 271 (97,8%) mencionaram a AIDS.

Deste modo, as alunas que referiram já terem sido acometidas por alguma IST demonstraram maior conhecimento sobre estas, provavelmente devido ao interesse sobre a sua própria saúde.

Os jovens possuem como importante fonte de orientação relacionada a IST/AIDS, os conselhos de amigos, que muitas vezes podem ser incorretos e perpetuar uma prática sexual insegura²¹. Neste sentido, mais que prevenir IST/AIDS, é necessário estimular o comportamento sexual saudável²² e, para isso, o enfermeiro como membro de uma equipe multidisciplinar em saúde pode, através da educação em saúde, favorecer práticas sexuais protegidas.

CONCLUSÃO

No grupo estudado a maioria das alunas era solteira, sexualmente ativa, tendo apontado o HIV e a sífilis como IST mais conhecidas e, a clamídia e o cancro mole como menos conhecidas. Os sintomas e os sinais mais relatados foram verrugas na região genital e corrimento vaginal, sendo que uma pequena parcela do grupo não soube identificá-los. As que contraíram IST no passado apresentaram como sinais e sintomas prurido vaginal e corrimento, sendo que todas procuraram o serviço de saúde para tratamento adequado. As alunas que já foram acometidas por alguma IST apresentaram maior conhecimento sobre essas doenças do que as demais alunas.

Neste contexto, evidencia-se que as universitárias possuem algumas informações sobre as IST, entretanto estas são ainda bastante incipientes. Percebe-se então a necessidade de se implementar, na área de educação em saúde, atividades voltadas para esta população específica que, sendo sexualmente ativa apresenta grande vulnerabilidade a partir do momento que não possuem conhecimento e atitudes saudáveis frente às suas relações sexuais. Para a realização efetiva da educação em saúde é indispensável aprofundar sobre o conhecimento específico apresentado por esse público. Desta forma, as orientações prestadas devem ser fornecidas de forma pontual e direta, considerando o conhecimento pré-existente e visando o desenvolvimento de indivíduos mais ativos sobre a própria saúde.

É válido destacar a necessidade de realização de outros estudos que permitam comparações entre o perfil de jovens de diferentes universidades. Uma limitação do estudo foi não possuir um local reservado para a aplicação do questionário, podendo ter causado certa intimidação dos jovens e influência sobre a resposta apresentada.

REFERÊNCIAS

1. Gubert FA, Vieira NFC, Damasceno MMC, Lima FET, Ximenes FET. Escalas para medida de comportamento preventivo em meninas adolescentes frente à DST/HIV: revisão integrativa. *Rev. Gaúcha de Enferm.* 2010; 31(4):794-02.
2. Instituto Nacional de Câncer (Br). Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA; 2015.
3. Santos SMJ, Rodrigues JA, Carneiro WS. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento de alunos do ensino médio. *DST - J bras doenças sex transm.* 2009; 21(2):63-8.
4. Koerich MS, Baggio MA, Backes MTS, Backes DS, Carvalho JN, Meirelles BHS, et al. Sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e contracepção: atuação da enfermagem com jovens de periferia. *Rev enferm UERJ.* 2010; 18(2):265-71.
5. Dias FLA, Silva KL, Vieira NFC, Pinheiro PNC, Maia, CC. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Rev enferm UERJ.* 2010; 18(3): 456-61.
6. Garbin CAS, Lima DP, Dossi AP, Arcieri RM, Rovida TAS. Percepção de adolescentes em relação a doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. *DST - J bras doenças sex. transm.* 2010; 22(2):60-3.
7. Costa ACPI, Lins AG, Araújo MFM, Araújo TM, Gubert FA, Vieira NFC. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz – Maranhão. *Rev Gaúcha Enferm.* 2013; 34(3): 179-86.
8. Araujo TME, Monteiro CFS, Mesquita GV, Alves ELM, Carvalho KM, Monteiro RM. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. *Rev enferm UERJ.* 2012; 20(2):242-7.
9. Renovato RD, Bagnato MHS. Práticas educativas em saúde e a constituição de sujeitos ativos. *Texto contexto-enferm.* 2010; 19(3):554-62.
10. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral as Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2015.
11. Ministério da Saúde (Br). Boletim Epidemiológico HIV/AIDS. Ano V n 01. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2016.
12. Wiese IRB, Saldanha AAW. Vulnerabilidade dos adolescentes às DST/AIDS: ainda uma questão de gênero? *Psic. Saúde & Doenças.* 2011; 12(1):105-18.
13. Silva CM, Vargens OMC. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. *Rev esc enferm USP.* 2009; 43(2):401-6.
14. Bezerra, EP, Torres CA, Pinheiro PNC, Alves MDS, Barroso MGT. Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças. *Ciênc saúde coletiva.* 2011; 16(1):1563-70.
15. Aquino OS, Brito FEV. Perfil sexual de adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem. *Rev Min Enferm.* 2012; 16(3):324-9.
16. Borges ALV, Fujimori E, Kuschnir MCC, Chofakian CBN, Moraes AJP, Azevedo GD et al. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. *Rev Saude Publica.* 2016; 50 (supl 1):15s.
17. Taquette SR. Epidemia de HIV/AIDS em adolescentes no Brasil e na França: semelhanças e diferenças. *Saude soc.* 2013; 22(2):618-28.
18. Castro EL, Caldas TA, Morcillo AM, Pereira EMA, Ferreira-Velho PEN. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Ciênc saúde coletiva.* 2016; 21(6):1975-84.
19. Carleto AP, Faria CS, Martins CBG, Souza SOS, Matos KF. Conhecimentos e práticas dos adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/AIDS. *DST - J bras doenças sex transm.* 2010; 22(4):206-11.
20. Bretas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Muroya RL. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Rev esc enferm USP.* 2009; 43(3):551-7.
21. Satterwhite CL, Torrone E, Meites E, Dunne EF, Mahajan R, Ocfemia MC, et al. Sexually transmitted infections among US women and men: prevalence and incidence estimates, 2008. *Sex transm dis.* 2013; 40(3):187-93.
22. Gusahaney PR, Jeong K, Dixon BW, Wiesnfeld HC. Partner notification of sexually transmitted diseases: practices and preferences. *Sex transm dis.* 2011; 38(9):821-7.